

## **Apontamentos a partir da Economia Feminista na prática de Incubação de Cooperativas Populares.**

Bruna Mendes Vasconcellos<sup>1</sup>

Aline Tavares<sup>2</sup>

Camila Colombo<sup>3</sup>

Elaine Bezerra<sup>4</sup>

Ioli Wirth<sup>5</sup>

Mariana Pereira<sup>6</sup>

**Resumo :** Este artigo tem como objetivo apresentar a metodologia de trabalho de gênero desenvolvida pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Unicamp e sua interface com o debate da Economia Feminista. Para isso, partiremos dos principais pontos teóricos que orientam a nossa prática pedagógica para chegarmos aos relatos de experiência baseados em uma metodologia feminista que valoriza a esfera do cuidado como um espaço legítimo de organização feminina.

**Palavras-chave:** Economia Solidária, Economia Feminista, relações sociais de sexo, autogestão, incubação.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica - UNICAMP

<sup>2</sup> Mestranda em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>3</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

<sup>4</sup> Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>5</sup> Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>6</sup> Mestranda na Faculdade de Educação Universidade de São Paulo - USP

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho:**  
**O trabalho no século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas**

GT 05 – Trabalho de Cuidado

*Apontamentos a partir da Economia Feminista na prática de Incubação de*  
*Cooperativas Populares.*

Bruna Mendes Vasconcellos<sup>7</sup>

Aline Tavares<sup>8</sup>

Camila Colombo<sup>9</sup>

Elaine Bezerra<sup>10</sup>

Ioli Wirth<sup>11</sup>

Mariana Pereira<sup>12</sup>

---

<sup>7</sup> Mestre pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica - UNICAMP

<sup>8</sup> Mestranda em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>9</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

<sup>10</sup> Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>11</sup> Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>12</sup> Mestranda na Faculdade de Educação Universidade de São Paulo - USP

## **Apontamentos a partir da Economia Feminista na prática de Incubação de Cooperativas Populares.**

**Resumo :** Este artigo tem como objetivo apresentar a metodologia de trabalho de gênero desenvolvida pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Unicamp e sua interface com o debate da Economia Feminista. Para isso, partiremos dos principais pontos teóricos que orientam a nossa prática pedagógica para chegarmos aos relatos de experiência baseados em uma metodologia feminista que valoriza a esfera do cuidado como um espaço legítimo de organização feminina.

**Palavras-chave:** Economia Solidária, Economia Feminista, relações sociais de sexo, autogestão, incubação.

## 1- Apresentação.

A ITCP é um programa de Extensão da Unicamp que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da Economia Solidária a partir da formação de grupos autogestionários e/ou cooperativas populares.

A Economia Solidária tem como proposta o incentivo da organização produtiva , bem como o fortalecimento de grupos associativistas em prol da autonomia dos trabalhadores e trabalhadoras. Na ITCP/Unicamp a Economia Solidária é pensada através da Educação Popular e com parcerias como movimentos sociais organizados.

Desde 2005, a ITCP/Unicamp conta com um grupo específico para estudar as relações de gênero no interior dos empreendimentos acompanhados. O Grupo de Estudo e Pesquisa em Economia Solidária das Relações de Gênero (GEPES de Gênero) foi criado inicialmente por monitoras da incubadora que, diante da realidade encontrada no processo de incubação, demandaram um espaço para refletirem sobre as situações de desigualdades entre homens e mulheres nos empreendimentos. A proposta desse espaço, para além de possibilitar um aprofundamento teórico sobre o tema, era criar metodologias específicas para problematizar as relações desiguais de gênero presentes nos empreendimentos.

Gênero é o eixo central da nossa metodologia, de onde os demais temas discutidos devem partir. Nesse sentido, ao planejarmos os temas de incubação – como autogestão, tecnologia social, mundo do trabalho, entre outros – devemos refletir sobre como essa temática se relaciona com a desigualdade existente entre homens e mulheres em nossa sociedade. Dessa forma, todas as questões passam a ser abordadas a partir da perspectiva de gênero.

Essa definição de foco tem duas justificativas principais a partir da realidade concreta dos grupos com os quais trabalhamos. a) A maioria dos empreendimentos acompanhados é feminino ou constituído, majoritariamente, por mulheres; b) A dinâmica interna dos empreendimentos reproduz e se organiza baseada na divisão desigual dos papéis de gênero na nossa sociedade.

Essa constatação apoia-se na teoria da divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2003; KERGOAT, 2010). Em diálogo com a análise do materialismo

histórico sobre a organização do trabalho, essas autoras evidenciaram a articulação entre classe e gênero no sistema pautado pela exploração do trabalho. Apontaram que o mundo do trabalho também é marcado pela separação entre trabalhos masculinos e femininos, sendo os primeiros mais valorizados socialmente do que os últimos.

A partir dessa teoria, diversas autoras destacam a importância da exploração do trabalho feminino para o fortalecimento do atual sistema capitalista, o que ocorre através de duas lógicas. A primeira é a da super-exploração da mão de obra feminina, cuja remuneração é em 30% menor do que a masculina. A segunda está relacionada à separação entre esfera da “produção” e da “reprodução”. Nessa divisão cabe às mulheres a maior parte do trabalho de “reprodução”, que não é remunerado (HIRATA, 2002; BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002; CARRASCO, 2006).

Diante desse diagnóstico, procuramos teorias que, aliadas a uma perspectiva marxista do trabalho associado e da Economia Solidária, pudessem nos oferecer elementos para compreender e interferir na realidade encontrada. Enquanto a teoria da divisão sexual do trabalho nos possibilita a compreensão das mulheres no mundo do trabalho, a Economia Feminista vêm nos possibilitando elaborar práticas de ação que buscam a transformação social e econômica do nosso sistema a partir de uma perspectiva feminista. Trata-se de um marco significativo da nossa metodologia, pois ela nos possibilita entender as problemáticas geralmente associadas às mulheres como cirandas e espaços de educação infantil, trabalho doméstico, cuidado com filhos. Em vez de espaços auxiliares eles representam estratégias de organização solidária que podem nos auxiliar a romper com uma das principais características do nosso sistema econômico: a separação entre as esferas reprodutivas e produtivas.

### **Quando a realidade feminina pensa a economia**

Percebemos que as mulheres, sobretudo as mais pobres, tem sua existência voltada à manutenção da vida – cumprem a dupla, tripla, se preciso for, quádrupla jornada de trabalho dividindo-se entre trabalhos dentro e fora da casa para garantir alimento, vestuário, educação aos filhos. Se para isso for necessário enfrentar o sistema econômico, elas prontamente tomam a iniciativa. (Thompson, 1979)

Isso não significa perder de vista a importante crítica a respeito da naturalização do papel das mulheres construída pelo pensamento feminista. As mulheres não são as únicas a gerarem as crianças e não são biologicamente as únicas responsáveis por elas e por todo o trabalho de cuidados daí decorrente. Os estudos de gênero tem se dedicado a comprovar que as questões atribuídas às mulheres não são naturais, mas socialmente construídas (SCOTT, 1990). Entretanto, analisar criticamente essa situação e afirmar teoricamente que ela é mutável tem causado pouco impacto sobre a vida das mulheres trabalhadoras pobres. Para estas, a responsabilidade que lhes é social e historicamente imposta continua sendo determinante na organização de suas vidas. Dessa forma, em vez de analisar a situação de responsabilização das mulheres apenas na perspectiva de denúncia da desigualdade social que recai sobre elas, o movimento feminista, mais recentemente, vem convertendo esses elementos no anúncio da emancipação das mulheres<sup>13</sup>.

As mulheres são maioria nos pequenos empreendimentos e nas bases dos diversos movimentos sociais, pois o envolvimento com lutas políticas mais amplas está diretamente vinculado à resolução de seus problemas concretos e cotidianos. Essa constatação, em vez de indicar que as mulheres estão naquelas experiências que “não deslancharam economicamente” – uma das leituras possíveis a respeito dos dados do SIES (2007) - talvez possa revelar que elas estão inseridas nos espaços mais comprometidos com a justiça social.

Conforme revelam os estudos sobre gênero e trabalho, para as mulheres o trabalho doméstico e o trabalho remunerado constituem uma tarefa combinada, que se articula, que conflita, mas que de forma alguma são concebidos por elas como atividades estanques. Para os homens, por outro lado, ocorre uma nítida separação entre o trabalho e a vida (HIRATA, 2005).

Desde a gestação, passando pela alimentação, educação e manutenção, o trabalho feminino é fundamental para a sociedade e conseqüentemente para o sistema econômico. Se as mulheres não fizessem o chamado “trabalho de cuidados” não haveria força de trabalho disponível, alimentada, educada, etc (QUINTELA, 2006).

---

<sup>13</sup> As categorias denúncia da situação de opressão e anúncio de um inédito viável, capaz de ser colocado em prática pelos oprimidos foram propostas por Paulo Freire (1987).

Assim, essa corrente teórica propõe a inversão do pensamento econômico: o enfoque deve recair naquilo que é desprezado pela economia convencional. Em vez de se centrar na lógica do lucro, esse outro sistema econômico deve se estruturar a partir das necessidades da vida (QUINTELA, 2006; GUÉRIN, 2005; DANTAS, 2008; SANTOS, 2009, CARRASCO, 2006 e 2008).

Nessa perspectiva, algumas experiências do movimento feminista articulam a proposta de auto-organização das mulheres e o trabalho de cuidado. Surgem então iniciativas de coletivização dos trabalhos de cuidados. São creches, restaurantes comunitários, lavanderias coletivas<sup>14</sup>, muitas vezes ligadas também a outros movimentos sociais, que mostram na prática que o projeto de transformação social precisa necessariamente conceber outra articulação entre a esfera produtiva e reprodutiva e, conseqüentemente, outra compreensão do trabalho historicamente desempenhado pelas mulheres.

## **2- Metodologia: As mulheres incubadas – limitações, resistência e luta**

Dentro da nossa incubadora trabalhamos com duas cadeias de produção majoritariamente femininas: resíduos sólidos e agricultura. Nas duas problematizamos o papel das mulheres nos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) propondo diversas discussões e processos de formação<sup>15</sup>. As oficinas compreendem temas como a divisão sexual do trabalho no interior dos EES, as jornadas de trabalho das mulheres dentro e fora dos EES, bem como sensibilizações para participações em manifestações feministas e discussões sobre a questão da violência contra a mulher.

Além dessas oficinas, não raro mudamos o planejamento das incubações para tratar das demandas urgentes trazidas por elas como violência, opressão do marido ou da pessoa que cumpre o papel masculino dentro da família, disputa das mulheres por reconhecimento e atenção das(os) formadoras(es) – visto que o espaço da incubação por vezes é o único espaço de expressão e garantia de fala e escuta das mulheres. Vale destacar também que alguns grupos enfrentam problemas estruturais como falta de água,

---

<sup>14</sup> Ver artigo de FREITAS, Taís Viudes de. Experiências de socialização do trabalho doméstico na América Latina. In: SILVEIRA, Maria L e TITO, Neuza. Trabalho Doméstico e de Cuidados – por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008. P. 27 – 54.

<sup>15</sup> As oficinas sobre gênero realizadas pela incubadora podem ser encontradas na publicação Empírica: metodologia de incubação. Instituto de Economia: Campinas, 2009. Disponível em: [www.itcp.unicamp.br/empirica](http://www.itcp.unicamp.br/empirica)

de luz, saneamento básico, de transporte público, de saúde pública, de maneiras eficientes e rápidas para venda de produtos que garantam sua subsistência.

### **3- Resultados**

A partir da incorporação desta perspectiva no interior do processo de Educação, gostaríamos de apresentar relatos das experiências de trabalho realizadas com mulheres nas Cadeias de Triagem de Resíduos Sólidos, Agricultura Familiar e um projeto recente de desenvolvimento de um Fundo Social gerido por mulheres. Esse trabalho envolve desde a formulação de preços dos produtos produzidos que levem em consideração o tempo destinado a trabalho doméstico da trabalhadora até a incorporação de cirandas infantis conectadas ao processo de incubação

Diante dessa experiência e das análises feitas sobre esse tipo de trabalho, acreditamos que as experiências desses EES poderiam ser potencializadas quando pensados não só como um local de trabalho, mas também como lugar de reprodução da vida. Apontamos para a socialização dos trabalhos domésticos e de cuidados como uma saída interessante para essas experiências, tal como figura nas reivindicações históricas do movimento feminista, a partir, por exemplo, da construção de refeitórios coletivos para uso dessas trabalhadoras ou de espaço de cuidado das crianças enquanto as mulheres trabalham. É preciso também criar espaços de convivência e troca de experiências entre as mulheres, como forma de incentivar a auto-organização destas e de fortalecê-las.

Por fim, nos interessa destacar como o processo de incubação e sua metodologia modificam-se a partir do momento que entendemos as relações de gênero também como estruturantes das relações sociais e como esse olhar é necessário para, de fato, pensarmos uma nova concepção do trabalho.

### **Referências bibliográficas**

CARRASCO. Cristina. La Economía Feminista: una apuesta por otra economía. In: VARA. Maria Jesus (Org.) **Estúdios sobre gênero y economia**, Madrid: Akal, 2006.

\_\_\_\_\_. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Ma. Lucia; TITO, Neuza (Org.) **Trabalho doméstico e de cuidados – por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana**. São Paulo, Sempre Viva Organização Feminista, 2008. p. 91-104.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FARIA, Nalu Silva. **Mulheres rurais e Economia Solidária**. PCT IICA/MDA – NEAD, 2011.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Daniele. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret e HIRATA, Helena (Org.) **As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho**, São Paulo: Ed. Senac, 2003. p. 111-123.

\_\_\_\_\_. **A classe operária tem dois sexos**, Revista de Estudos Feministas. n. 1/94, p. 93-100, 1º sem./1994.

HIRATA, Helena. Überlegungen zur “Vereinbarkeit” von Familie und Beruf – Ein Versuch das Terrain zu sondieren. **Feministische Studien**, Stuttgart: Lucius & Lucius, 2005. Vol 23, no. 2, p. 312-319.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e Consustancialidade das Relações Sociais. **Novos Estudos** 86. São Paulo: Cebrap, 2010.

NOBRE, Miriam. **Diálogos entre economia solidária e economia feminista**. NEAD, 2003. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=24>>. Acesso em: 20 set. 2010.

QUINTELA, Sandra. **Economia Feminista e Economia Solidária: sinais de outra economia**, Rio de Janeiro: PACS, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990

THOMPSON, Edward Palmer. La economía “moral” de la multitud en la Inglaterra del siglo XVIII. In: THOMPSON, E. P. **Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase**. Barcelona: Crítica, 1979.

VASCONCELLOS, Bruna Mendes . **Gênero e Tecnologia: reflexões a partir da experiência de uma associação de mulheres rurais**. Dissertação de mestrado. Campinas: IGE/Unicamp, 2011.

WIRTH, Ioli Gewehr. **As relações de gênero em cooperativas populares do segmento da reciclagem: um caminho para a construção da autogestão?** Dissertação de mestrado, Campinas: FE/Unicamp 2010.